

ENCONTROS FESTIVOS: SOCIABILIDADE, SOLIDARIEDADE E RESISTÊNCIA.

Liliane de Jesus Oliveira Lima¹

RESUMO

O lazer da população negra de Santo Antônio de Jesus nas primeiras décadas do século XX, mas precisamente de 1910 a 1950 é o tema da pesquisa em andamento para a construção da Dissertação de mestrado. O principal recorte desta pesquisa é o cotidiano da cidade que se transformava impulsionada pelos ideais de modernidade e progresso. Este ensaio é parte do capítulo que busca historiar os diversos momentos festivos que ocorriam na cidade: as festas religiosas, carnavais, micaretas, entre outros. Analiso o cotidiano da população negra que não se curvava à nova realidade que estava sendo gestada e imposta, resistindo sempre, pois entendo a presença dos negros e pobres nos diversos espaços e momentos de diversão, na cidade, como prova de que resistiram com muita insistência e ousadia a ter que abandonar seus momentos de folguedo.

Palavras-chave: Santo Antônio de Jesus; Festa; Resistência.

Quando mocinha, nós morava na roça, eu gostava era da festa de Reis, papai levava a gente para a casa de um compadre dele que era aqui na cidade... e não me lembro mais onde ele morava, e nós ficávamos lá a semana toda, tinha baile, quando os rapazes queriam dançar com a gente jogava um lencinho no chão, aí se a gente pegasse estava liberado podia dançar (risos) e se deixasse o paninho lá caído eles voltavam pegavam o pano e se entufava².

Quando o galo cantou de madrugada a cuíca berrou na batucada, e o sol no horizonte apareceu a fuzarca dobrou e o dia amanheceu. O samba é bom, tem pandeiro e violão, faz esquecer a dor de uma paixão³.

A vida do santoantoniense, na primeira metade do século XX, não se resumia apenas ao trabalho, existiam múltiplas formas de se divertir que proporcionavam descontração e prazer, tornando, assim, o cotidiano dessa população mais agradável. Entretanto, alguns espaços eram mais elitizados, onde apenas os mais abastados frequentavam e outros, mais populares, como as festas de momo e religiosas, que representavam a convivência entre os grupos sociais que compunham a cidade.

Certamente, o conjunto de transformações pelas quais Santo Antônio de Jesus passou deu origem a um novo contexto, no qual surgiram, ainda, outras formas de divertimento, emergindo assim novos contornos de sociabilidades, pois, o processo de modernização não se limitou apenas às reformas físicas dos espaços urbanos, para os “guardiões da moral e dos bons costumes”, também se fazia necessário civilizar as

antigas práticas de lazer, uma vez que as ações dos cidadãos civilizados deveriam estar em concordância com as transformações do espaço urbano.

Assim, incorporar novas formas de lazer constituiu um dos aspectos das transformações em curso nesse período. Todavia, apesar da introdução de novos espaços de lazer, muitas festas tradicionais e formas diversas de se divertir foram mantidas e amplamente apreciadas por boa parte dos santoantonienses. É notório que os espaços de sociabilidades podem refletir mudanças, mas as tradições podem ser mantidas, mesmo que resignificadas.

O lazer é o espaço da liberdade, no qual as pessoas podem demonstrar seus sentimentos, expressar suas emoções, brincar, manifestando seus costumes coletivamente em um mesmo espaço. Fica evidenciado na pesquisa, a existência de trocas culturais entre os segmentos da sociedade santoantoniense que se influenciavam mutuamente; vale lembrar que estas trocas se davam em um contexto que as manifestações dos negros e pobres eram “rejeitadas”. Podemos afirmar que nesses momentos de alegria e descontração havia uma intensa relação cultural de permuta contínua que influenciava os diferentes níveis culturais, ou seja, uma circularidade cultural, termo utilizado por Gizburg, para designar *o influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica*⁴. Segundo esse autor, o conceito de circularidade cultural define que a cultura popular é dinâmica, tendo inclusive o potencial de influenciar uma cultura dita hegemônica ou vive versa.

VIVER A FESTA E REVELAR A CIDADE

Dona Venância, em seu depoimento citado na epígrafe acima, afirma a sua preferência pela festa de Reis que, segundo ela, era um momento de muita diversão, quando surgia a oportunidade de ficar fora de casa, da dança e do flerte. Entretanto, no período estudado, as festas religiosas mais apreciadas pelos santoantonienses eram a de Santo Antônio, padroeiro da cidade, São Benedito e as festas de Cosme e Damião. Segundo Albuquerque, as festas religiosas, as celebrações populares de civismo e o carnaval possibilitam a investigação de particularidades da sociedade baiana e concepções culturais, nem sempre conciliadoras sobre o sentido de ser e de estar na festa e na rua.

As festas públicas nos parece um bom ângulo para tentarmos perceber esta velha Bahia em tempos republicanos, já que enquanto duravam se tornavam palco de disputas sociais e políticas, assimilações e recriações culturais, todas girando em torno das formas de apropriação do espaço urbano⁵.

Em Santo Antônio de Jesus, as festas religiosas que povoavam o calendário o ano inteiro, também eram formas de apropriação do espaço público em momentos consagrados como de confraternização e alegria. A praça pública ou as ruas propiciavam o encontro de grande parte da população que queria se divertir e homenagear o santo do mês, a cidade se enfeitava para celebrar com barraquinhas e queima de fogos de artifício. Segundo Amaral:

O constante festejar brasileiro, de caráter essencialmente religioso, de fato, não é recente e a literatura dos viajantes nos prova isto. Chegando ao Brasil, muitos deles ficavam simplesmente admirados quando, já a partir da porta das primeiras igrejas avistadas, e por todo o percurso das inúmeras procissões que se realizavam constantemente, contemplavam as imensas “alas” compostas por carros alegóricos. Neles, gente fantasiada dos mais diversos personagens, ricamente vestidos e adornados, corporações de ofício e irmandades religiosas, os grupos de dançarinos e músicos, desfilavam, lado a lado, todos juntos. A cidade e os habitantes preparavam-se cuidadosa e caprichosamente para que, nos dias de festa, pudessem realizar com primor seu espetáculo e todos os participassem extraindo da festa a maior alegria possível, com devoção e entusiasmo.⁶

De acordo com a autora, desde o princípio da colonização brasileira, as festas serviram como “modo de ação”, seja para catequizar índios, seja para tornar suportáveis; aos portugueses e demais estrangeiros as agruras da experiência do enfrentamento de uma natureza desconhecida, com povo, clima, plantas e animais estranhos. Dessa forma, as festas religiosas foram importante mediação, constituindo uma linguagem em que diferentes povos podiam se comunicar.

Vale ressaltar que, no período acima descrito, era obrigatória a participação não apenas de todos os portugueses cristãos, mas também dos índios e, posteriormente, dos escravos. Um dos mandamentos da lei da Igreja Católica, inclusive, determina “Guardar domingos e festas de guarda”. De tal modo, guardar as festas é importante característica do catolicismo, preceito que encontra seu sentido no mito de criação do próprio mundo, pois, desde a criação, Deus ordena “Que haja luzeiros no firmamento do céu para separar o dia e a noite: que eles sirvam de sinais, tanto para as festas quanto para os dias e os anos⁷”. Os luzeiros são o sol e a lua que, além de demarcarem a passagem do tempo, delimitam o momento da festa.

As festas religiosas, aos poucos, foram se incorporando ao cotidiano dos brasileiros. No entanto, é importante destacar que essas festas foram ressignificadas culturalmente; recriadas, adaptadas e reinventadas para novos fins e, assim, caracterizadas por uma forma de resistência e oposição ao regime dominante no tempo e no espaço. Trata-se, portanto, de apropriações que foram feitas dos ritos católicos,

adaptando-os aos costumes ancestrais trazidos a bordo dos navios negreiros e aos costumes aqui já existentes.

Para os santoantonienses, o calendário festivo se iniciava com a festa de São Benedito, que era realizada no mês de janeiro. Segundo Maria Rosa, essa festa atraía a atenção de muita gente:

As festas eram muito divertidas, tinha muitas barraquinhas e as ruas ficavam cheias de gente. As pessoas vinham de todos os lugares em busca das atrações da festa. Tinha até quem viajava nos carros de boi e na carroça, mais tinha gente que mesmo longe, das roças também vinham e vinham a pé⁸.

Maria de Xangô, em seu depoimento, declarou, ainda, que apreciava a festa de São Benedito e que a parte que mais lhe agradava era quando a Marujada percorria as ruas do centro da cidade; “era lindo, todo mundo vestido de branco, tocando as espadas e dançando”⁹.

A festa de Santo Antônio, o padroeiro da cidade, também atraía muitas pessoas de todos os bairros. O trezenário iniciava no dia 31 de maio – com uma caminhada pelas principais ruas da cidade, todos cantando o hino de louvor ao santo homenageado – e encerrava com uma missa na manhã do dia 13 de junho. De acordo com os depoentes e os jornais pesquisados, nas festas religiosas, o espaço era compartilhado por toda a cidade, sem limites ou fronteiras visíveis.

A festa do padroeiro. Segunda feira 13 a cidade sentira a impressão viva que lhe há de transmitir a fulgurante homenagem do povo ao santo padroeiro que é o glorioso Antonio. A trezena começada na Matriz desta Freguezia desde a 1º noite é assistida de modo que a área interna da santa igreja vive literalmente cheia de fieis. O ardor da devoção dominando a alma do adulto como o animo da criança¹⁰.

Contudo, Santos, em sua tese de dissertação que discute o estudo do cotidiano de homens e mulheres que se deslocavam de áreas rurais para trabalhar como feirantes em Santo Antônio de Jesus-Bahia, entre os anos de 1948 a 1971, nos diz que:

A procissão de Santo Antônio exprimia dimensões do mundo espiritual do qual alguns feirantes faziam parte e reafirmava a presença desses homens e mulheres praticando o espaço urbano também no tempo da festa. Longe de ser um espaço isento de hierarquias, o cortejo apresentava uma ordem que, na prática, também reproduzia hierarquias sociais. [...] À frente do cortejo, o pároco e demais eclesiásticos, dividiam espaço com a elite local que geralmente eram os escolhidos para fazerem parte da comissão da festa a cada ano. Junto ao andor, homens da roça ou da cidade, ora disputavam, ora se revezavam na condução do Santo, excluindo as mulheres dessa função. Assim como as mulheres da roça, inclusive as feirantes, não eram escolhidas para fazerem parte da comissão da festa. Mas, mesmo diante dessa realidade, cada um marcava seu lugar na procissão¹¹.

Nota-se, que, nas festas religiosas, o espaço era compartilhado por todos: pobres e ricos, pretos e brancos. Entretanto, em um ambiente de suposta liberdade, as diferenças sociais estavam bem delimitadas. Mesmo diante desta realidade, a população pobre não deixava de comparecer nesses festejos, cada um marcava seu lugar na luta pela conquista do seu espaço. Assim sendo, se em alguns momentos as festas religiosas simbolizavam a participação de todos, algumas ações, em contraposto, caracterizavam-se por reproduzir dependências, conflitos e diferenças sociais.

A festa de São João era mais uma das festas do calendário religioso que agitava o cotidiano dos santoantonienses, para Maria Rosa, a festa era boa tanto na cidade quanto na roça:

Para as pessoas da igreja todos os esforços eram para São João, todas as homenagens prestadas era para ele, até pular a fogueira. Às vezes quando eu era criança nós íamos para a festa de São João na roça. Era uma fartura, tinha milho, galinha cozida, a gente não fica só em uma casa visitava também a casa dos outros amigos. Depois de um tempo nos não íamos mais para roça, mas aqui na cidade tinha tudo isso também. Mais também tinha algumas pessoas que iam pra missa e depois ia atrás de dançar, beber e jogar. Ia mesmo era para fuzarca.¹²

No depoimento acima e em outros analisados, percebemos que os festejos juninos em Santo Antônio de Jesus eram comemorados tanto na roça quanto na cidade e que os mesmos eram regados de muita comida e bebida. Ficam evidentes, também, os diferentes modos de agir, pensar e interagir dentro da festa, bem como a dimensão espiritual desses participantes. Assim, o depoimento de Maria Rosa é relevante também para refletirmos acerca desta dimensão presente nessas festas, pois o espaço destinado à devoção também se tornava disponível ao lazer e às socializações.

Aceita e auxiliada pelo espírito religioso do povo, a festa ontem concluída em lóuvoor do padroeiro Santo Antonio, teve todo esplendor. As trezenas, que a precederam, estiveram muito concorridas, atuando no coro da Matriz uma orquestra excelente. A festa começou quase às 11 horas [...] e a orquestra esteve magnífica. Fôra da Matriz o movimento de girandolas, balões, trancafios e bombas foi retumbante e atriu também o povo. A empresa de Luiz Eletrica serviu magistralmente, expondo a serviço da festa mais de mil lampadas¹³.

Verifica-se, portanto, que a realização dessas festas envolve o espaço religioso e o espaço que é construído ou adaptado dentro do seu contexto. As comemorações dedicadas aos santos “gêmeos”, São Cosme e São Damião, também atraíam muitos santoantonienses e não se restringiam apenas aos espaços urbanos da cidade. No período estudado, muitas pessoas celebravam a data, o que é possível verificar nos periódicos que aqui circulavam com muitos anúncios convidando e anunciando a data em que realizariam a celebração, bem como os atrativos que ofereceriam na noite.

Rua Maria Nunes, n 8 – Srs. Diretores d'O Detetive, como nos anos anteriores, faço questão vossas presenças nas festas de Cosme e Damião, efetuarei dia 30, contando concurso gentis senhorinhas nos tradicionais e suaves hinos. Além das vozes excelentes e melodiosas dos jovens Manoel Jambeiro e Alvorino Vargas, que farão ouvir depois da devoção com suas modinhas, assim também se manifestarão no gozado candomblé, nossos camaradas: Ernesto, Lindo, Astério, Jesuíno, Bernardo Joãozinho e muita gente... O caruru será um sucesso e a orgia tomará o seu predileto lugar. – Aguardo as vossas pessoas e ficarei satisfeito se ouvir um improviso d'um representante da imprensa. Gracindo¹⁴

O anúncio acima nos traz várias informações sobre a festa na cidade de Santo Antônio de Jesus, no período estudado, a exemplo do local onde seria realizado o caruru; na Rua Maria Nunes, conhecida na cidade como morada de negros e alvo de constantes batidas coercitivas. Outra característica observada na programação é que, após a ladainha, haverá modinhas cantadas pelos jovens Manoel Jambeiro e Alvorino Vargas, além do Candomblé.

Como os jornais também funcionavam como agentes moralizadores e as práticas religiosas da população negra eram comumente vistas como incivilizadas e perigosas, era comum a perseguição e a repressão às pessoas que professavam essas religiões¹⁵. Por isso, é possível que o anúncio não tenha sido escrito por um morador da Rua Maria Nunes; Gracindo poderia ter sido apenas o pseudônimo de um jornalista do periódico que estivesse exagerado na dose de humor colocado no anúncio ou estivesse estigmatizando as manifestações religiosas da população negra santoantoniense. Não obstante, independente do anúncio ter sido verídico ou não, através dele podemos verificar algumas características das festas dedicadas a Cosme e Damião.

Na memória dos nossos depoentes, não eram só as festas religiosas que agitavam e alegrava o cotidiano dos santoantonienses. As folias de momo – com seus cordões, pranchas¹⁶, carros de crítica, batucadas e Zé-pereiras – ocupavam um lugar de destaque nas festividades que ocorriam na cidade. Convém ressaltar que em Santo Antônio de Jesus, durante o período em estudo, eram comemorados tanto o carnaval como a micareta. Tais festas eram comemoradas em datas diferentes, contudo, possuíam particularidades; o carnaval obedecia ao calendário litúrgico e a micareta acontecia sempre depois da Semana Santa, mas em dias variáveis.

O carnaval. Passaram-se alegres os dois dias do carnaval de Santo Antonio de Jesus. Domingo logo pela madrugada, Zé Pereira exibiu a nota estridente echoando as suas trombetas e rimbombando por cima o zabumba infernal. De tarde, a mocidade forte achou-se a postos, vendo-se a gente fantasiada tanto a pé como a cavallo. Nos autos percorriam as ruas grupos de senhorinhas e rapazes, alegres como a própria alegria, alguns cingindo a mascara, leve, de gaze, outros trazendo a propria mascara que a Naturesa lhes deu¹⁷.

O Micarêta. Os folguedos de 12 e 14 do corrente, estiveram bem animados. O número de cordões é que foi bastante reduzido este ano. Tivemos apenas dois cordões e a batucada.¹⁸

Destarte, podemos observar que os momentos reservados à folia de momo eram apreciados pelos santoantonienses. Independente de ser carnaval ou micareta, as duas datas são comemoradas regadas de muito riso e diversão. Nesta folia, estava presente boa parte da sociedade santoantoniense, tanto os que se diziam representantes da elite quanto os populares ocupavam o espaço festivo. Portanto, no espaço da micareta, conviviam diferentes manifestações festivas, conduzidas tanto pelas elites como pelos populares. Contudo, persistiam as distinções raciais, sociais e culturais. Os cordões – acompanhados pelos carros de crítica e de realce e pelas pranchas alegóricas, enfeitadas com “[...] artigos da mais fina elegância vindos diretamente das lojas mais exuberantes da capital [...]” – eram levados nas ruas pelas senhorinhas da elite¹⁹, disputavam espaço com “*máscaras farroupilhas com fantasias desasseadas*” que, apesar de toda a repressão, não deixavam de participar da festa.

Do mesmo modo que ocorriam nas festas religiosas, nos espaços dedicados a folia de momo também havia uma inter-relação entre os grupos participantes, que se formavam e se consolidavam justamente a partir das diferenças culturais, “... *as ruas eram palco de disputas, irreverências, assimilações e recriações das formas de apropriação do espaço urbano*”²⁰. Era um o processo que envolvia escolhas e, por sua vez, não ocorria livre de conflitos, pelo contrário, os sujeitos traziam diferentes situações e experiências que iam se unindo como retalhos de variadas cores e texturas, um conjunto que, mesmo unido, mantinha suas especificidades e ambiguidades.

Nos momentos de festejos do carnaval e da micareta, as elites locais, com seus cordões, disputavam espaço com outros grupos menos abastados que, insistentemente, também ocupavam o espaço da festa. O periódico o Paládio mais uma vez se torna porta-voz dos anseios da elite e publica diversas matérias que enobrecem as manifestações da mesma e condena as manifestações das camadas populares:

Infelizmente no último dia consagrado ao Rei Momo, máscaras farroupilhas arrastaram pelas ruas fantasias desasseiadas e sons destoantes da nossa elegante e amada terra [...] Desde o romper da madrugada as ruas estiveram dominadas pelos máscaras, fazendo esgares, saracoteando em um entrudo sem controle²¹.

Mas as ruas não estiveram entregues às trevas. A fina flor da nossa sociedade deu uma nota galante e civilizadora, demonstrando para a massa desordenada uma festa digna dos ares modernos que dominam nossa terra²².

Esses trechos demonstram os autores da notícia construíram uma imagem da micareta que atendia aos interesses das elites locais, contudo, corroboraram com a nossa reflexão de que diversos grupos estavam presentes e atuavam nos diferentes espaços. Para além dos anseios de modernização, nas ruas da cidade, entre os cordões e pranchas das elites, estavam as batucadas, os Zé-pereiras, os blocos e bandos populares que também organizavam seus desfiles e brincadeiras.

Dessa forma, esses grupos se mantinham resistentes também durante as micaretas, embora os setores elitistas não apoiassem a presença dos “máscaras farroupilhas”, tiveram que dividir a cena com os mesmos que, ano após ano, obstinadamente, tomavam as ruas da cidade. Nesse contexto, muitos bailes começaram a ser realizados em clubes, onde as fronteiras sociais eram muito bem demarcadas, a exemplo do clube O Palmeirópolis, que era frequentado pela alta elite da cidade e de outras localidades. “A Sociedade Palmeirópolis fará também nos seus salões e nas mesmas datas, festas dançantes em que tomara parte a elite, achando-se já distribuídos muitos convites para as duas noites de franca alegria”²³.

Os referidos bailes realizados nos salões fechados eram abrilhantados por filarmônicas e bailes de máscaras, nos quais chovia confete e serpentina. As fantasias eram cuidadosamente elaboradas, não faltando o brilho de lantejoulas e paetês. Os motivos das fantasias quase sempre eram Pierrôs, Colombinas, Arlequins e Piratas, pois outras fantasias não eram bem aceitas.

A Radio-Palmeirópolis convida os seus associados e exm.^{as} famílias para dois grandes bailes da Micarêta, nos dias 12 e 14 do corrente, á partir das 21 horas.[...] Traje: De preferencia fantasia. Aviso: não serão permitidas as fantasias de malandro, macacão e outras á critério da Diretoria²⁴.

O Palmeirópolis era um dos espaços dedicados à folia das elites santoantonienses. Mas a música da festa dependia das filarmônicas Carlos Gomes e Amantes da Lyra, formadas, principalmente, por representantes das camadas populares.

É importante destacar ainda, que as camadas populares também se divertiam nos bailes realizados em ambientes fechados como os que ocorriam na Sociedade dos Artistas e nas sedes das filarmônicas. No entanto, a maioria dos membros das classes populares preferiam os festejos e brincadeiras que ocorriam no universo das ruas onde uma complexa rede de amigos e parentes formava o lado sedutor da rua, numa atmosfera calorosa, colorida, com seus rituais irreverentes, suas máscaras, luzes e música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que dentre as várias atividades públicas e privadas destinadas ao lazer que ocorreram na cidade, citamos nesse artigo apenas algumas. Saltaram a nossa frente buliçosos momentos dedicados à descontração e ao riso fácil, entretanto, escolhemos alguns para historiar, sendo que alguns ainda ficaram relegados aos processos crimes empoeirados, a memória dos depoentes e aos periódicos; a festa do Dendê, a Tourada, o Circo, as festas dedicadas ao Mês de Maria, as Festas do Senhor do Bonfim, Dois de Julho, O Passeio de Recreio, entre tantas outras.

Nas festas, folguedos e celebrações que analisamos percebemos que as festas de rua foram palco de trocas culturais, influências recíprocas, resistência e luta. Nas ruas, praças, botecos todos se encontravam, compartilhando esses locais públicos, surgindo a oportunidade do convívio favorecido pelo entrelaçamento cultural, seja nos cordões, nas barraquinhas das igrejas, nas procissões ou no cantarolar dos sambas pelas ruas.

Enfim, nesse processo repleto de incertezas e adaptações – que mexiam profundamente com os espaços, costumes e práticas de solidariedade – as diferenças existiam e tensões ocorreram constantemente, descortinando formas peculiares de resistência e luta. Assim sendo, a elite teve que dividir a cena com os negros e pobres, os quais insistentemente ocupavam todos os “cantos da cidade”, imprimindo sua presença e sua cultura com suas festas, ritmos e sons, pois, até mesmo nos bailes fechados, aos quais aparentemente só a elite tinha acesso, a música que animava a festa e encantava a todos era orquestrada pelas filarmônicas, as quais tinham no seu corpo de artistas componentes, em sua maioria, negros e pobres.

NOTAS:

¹ Liliane de Jesus Oliveira Lima. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local/UNEB-CAMPUSV. Graduada em Licenciatura em História pela Universidade do Estado da Bahia-Campus V. Orientador: Raphael Rodrigues Vieira Filho. Bolsista CAPES. liulimab@hotmail.com.

² Dona Venância Maria dos Santos, 95 anos, aposentada, moradora do Bairro Irmã Dulce. Depoimento concedido no dia 01/10/2009.

³ Jornal O Paládio. Abril de 1942. A micarêta. A hora H. Samba nº 1. Letra e música de Antônio R. de Andrade. AP.

⁴ GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.p. 20

⁵ ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *Santos, deuses e heróis nas ruas da Bahia: identidade cultural na primeira república*. Revista Afro – Ásia, Salvador, n. 18. CEAO – UFBA. 1996, p. 107.

⁶ AMARAL, Rita. *Festa à Brasileira - Sentidos do festejar no país*. Ed. e-books Brasil, 2001. p.59.

⁷ BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada: tradução na linguagem de hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988. Gênesis 1:14,15

-
- ⁸ Maria Rosa Soares, 90 anos, aposentada, moradora do Bairro Irmã Dulce, Santo Antônio de Jesus. Depoimento concedido no dia 05/10/2009.
- ⁹ Maria Gonçalves, conhecida como Maria de Xangô, 92 anos, aposentada, moradora da URBIS 02, Santo Antônio de Jesus. Depoimento concedido em 18 de Outubro de 2009.
- ¹⁰ Jornal O Paladio. A Festa do Padroeiro. 11 de Junho de 1949. AP.
- ¹¹ SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. *Vidas nas fronteiras: práticas sociais e experiências de feirantes no Recôncavo Sul da Bahia: Santo Antônio de Jesus 1948-1971*. Dissertação de Mestrado. Santo Antônio de Jesus, 2007. p. 128.
- ¹² Maria Rosa Soares. Depoimento já citado.
- ¹³ Jornal O Paladio. A festa do padroeiro. 14 de Junho de 1945. AP.
- ¹⁴ Jornal O Detetive. Santo Antônio de Jesus. 09 de Setembro de 1951. AP.
- ¹⁵ Sobre as perseguições às pessoas que professavam religiões de matrizes africanas ver o trabalho SANTOS, Denílson Lessa. **Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas – Santo Antônio de Jesus- Recôncavo Sul – Bahia (1940-1980)**. 2004. 241p. Dissertação (Mestrado) - Programa de pós-graduação em História na FFCH, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- ¹⁶ Prancha era a denominação dada ao carro alegórico que desfilava pelas ruas da cidade exibindo em sua plataforma, moças em trajes carnavalescos que dançavam ao som das marchinhas de carnaval. Nos anos 40, 50 e 60, a prancha era um caminhão revestido de madeira compensado e enfeitado com muitas luzes e muitos outros adereços.
- ¹⁷ Jornal O Palladio. O carnaval. 04 de Março de 1927. AP.
- ¹⁸ Jornal O Paladio. A Micarêta. Abril de 1942. AP.
- ¹⁹ Jornal O Paladio. A festa em Santo Antônio. 08 de abril de 1936. AP.
- ²⁰ ALBUQUERQUE. Op. Cit. p.13.
- ²¹ Jornal O Paladio. Uma grande micareta. 20 de março de 1940. AP.
- ²² Ibid.
- ²³ Jornal O Paladio. A Micarêta em Ebulição. 10 de Abril de 1942. AP
- ²⁴ Jornal O Paladio. Soc. Rádio Palmeirópolis. Abril de 1942. AP.